

ATROARI/WAIMIRI ESTÃO INTEGRADOS



Giuseppe passela com os índios na Zona Franca e diz: eles estão integrados à civilização.

A Funai ainda não desistiu de apurar a denúncia de que os dois últimos massacres do grupo Atroari/Waimiri às expedições do Padre Caleri e de Gilberto Figueiredo foram comandados por civilizados, que detinham parte das riquezas dessa comunidade indígena.

De fortes guerreiros, os índios Atroari/Waimiri são considerados hoje, pela Funai, uma das civilizações indígenas mais pacífica, dócil e agrícola do Brasil. Depois do último massacre do dia 26 de dezembro de 1974, contra a expedição do sertanista Gilberto Figueiredo, eles só usam sua principal arma — arco-flecha — para caçar.

CONFIANÇA

O sertanista Giuseppe Gravelo, coordenador do Posto de Atração da Funai, instalado próximo à reserva Waimiri/Atroari, esclareceu, no entanto, que essa mudança de comportamento desse grupo indígena não significa uma descaracterização de suas raízes. E garantiu que esse relacionamento entre civilização branca e a nação tribal mudou, principalmente, depois do desaparecimento do cacique Comprido, comandante dos massacres.

Hoje, os Atroari/Waimiri aceitam conviver com o branco sem hostilidade e desconfiança. Segundo o sertanista Giuseppe, "os pais, inclusive, já deixam os seus filhos com os funcionários da Funai e que peguem carona dos caminhoneiros que transitam pela Rodovia BR-174, Manaus-Caracarái.

O antropólogo acrescentou: "Não existe mais aquele ambiente de desconfiança contra a nossa civilização. Recentemente, trouxe dois casais de menores, da faixa etária de 10 a 12 anos, para mostrar aos estudantes do Christus, pessoalmente, o índio real.

Quando chegaram na Zona Franca, os quatro índios — Iribiah e Shirimã (meninas); e Parué e Mahará (meninos), evidentemente, ficaram impressionados com esse novo mundo, desconhecido por eles. Andaram pelas principais ruas de maior movimento do centro comercial da Zona Franca de Manaus. Tiraram fotografias ao lado de televisores, brinquedos etc. O que mais chamou a atenção desse grupo Atroari/Waimiri, porém, foram as sacolas de plásticos. Por isso, cada um ganhou uma como recordação da rápida passagem por Manaus.

Pela estimativa da Funai, a população do grupo Atroari/Waimiri é bastante jovem e está em torno de 1.200 indivíduos no máximo. Por causa dessa predominância juvenil, o sertanista Giuseppe Gravelo prevê um nível de saúde razoável e o índice de mortalidade infantil bastante baixa em relação às outras comunidades indígenas existentes no Brasil.

Terras sempre continuarão sendo a maior riqueza do índio. Mas, para os Atroari/Waimiri esse não se constitui no momento um problema grave. A Funai informou que as reservas estão ilimitadas. Falta, entretanto, serem demarcadas. As invasões, até agora, tem sido de pequenos grupos. E para que não gerem novos conflitos a Funai dispõe de uma equipe de vigilância, atente dia e noite, repelindo os invasores.

Para o antropólogo Giuseppe Gravelo, "o índio não cria problemas. Nós precisamos é entendê-lo melhor nas suas raízes. Compreender suas reações, sem despersonalizá-los culturalmente. Atualmente, desenvolvemos um trabalho bastante diferente das estratégias até aqui tomadas pela Funai.

Disse o sertanista ainda: "Abandonamos aquele trabalho ostensivo de medo. Anteriormente, nós íamos atrás deles, hoje, no entanto, eles nos procuram naturalmente. Desenvolvemos, portanto, um trabalho mais comunitário a fim de que o próprio índio possa trabalhar e viver no seu habitat sem de desenraizá-los de sua cultura.

"Por isso — prosseguiu Giuseppe — estamos tentando conscientizar os caminhoneiros que passam constantemente pela BR-174 para que, quando transitarem no trecho próximo da reserva do grupo Atroari/Waimiri, diminuam a velocidade dos seus veículos, parem, se for necessário ou então, respondam apenas os acenos dos índios que aparecem sempre à margem da estrada.

O contato com os Atroari/Waimiri, para Giuseppe Gravelo, também não pode chegar aos extremos. Por exemplo, a Funai não quer que os motoristas deem leite enlatado, para

não prejudicar os costumes indígenas.

— Muitos motoristas, às vezes, não respeitam e até levam em gozação quando vêm os índios nus na beira da estrada. Chegam ao posto da Funai, e ainda se queixam que foram obrigados a dar uma lata de leite para não serem atacados. Mesmo assim, tenho insistido junto aos motoristas para não darem nem leite nem outras coisas que possam transformar o hábito e os costumes dos índios.

RELACIONAMENTO

Essa trégua de paz, que a Funai espera ser duradoura, trouxe algumas surpresas, pela maneira como os índios do grupo Atroari/Waimiri atualmente tratam o branco, considerando-o como irmão. O sertanista Giuseppe Gravelo confessou sua surpresa, quando viu pela primeira vez um índio atroari andando de carona até a reserva dos Waimiri.

— Por isso, é que não acredito que os ataques e massacres contra as últimas expedições tenham sido uma reação normal desse grupo. Eles me provaram ser pacíficos, dócils e ainda, uma população especificamente voltada para o trabalho agrícola, enfatizou o chefe do Posto de Atração.

Qualquer veículo que passa eles fazem sinais, acenando adeus. E o pessoal, apesar ainda de ter receio, também responde. Tem caminhoneiros, ainda, que param. As vezes, levam alguém de uma reserva, por exemplo, dos Atroari, ao encontro dos Waimiri, de carona.

INFILTRAÇÕES

A respeito das investigações sobre o fundamento das denúncias responsabilizando infiltrações de civilizados brancos no fato dos índios Atroari/Waimiri terem atacado e massacrado as duas expedições — do Padre Caleri e do sertanista Gilberto Figueiredo, o antropólogo Giuseppe Gravelo admitiu que sim. E justificou:

"Você acredita que o grupo Waimiri/Atroari tem capacidade para desenvolver um trabalho de arte com ferro? Pois é, temos provas, que suas flechas continham, na ponta artefatos de ferro. Partindo desse princípio, tem procedência a denúncia de que o ataque contra as expedições do Padre Caleri e do meu amigo Gilberto Figueiredo ter sido orientada por alguém da nossa civilização, que tinham interesse de não permitir que se construísse a construção da BR-174.

Giuseppe Gravelo não acredita que a abertura da Rodovia BR-174 tenha se constituído o principal motivo de revolta dos Atroari/Waimiri, embora essa estrada tenha cortado uma parte de suas reservas.

"Eu só queria ter condições de, ao lado de onde até hoje se encontram fincadas as duas pedras lapidadas lembrando as vítimas das expedições massacradas, colocar também uma outra pedra lapidada, com a relação das baixas sofridas também pelos Atroari/Waimiri", enfatizou o sertanista.

Depois dessa pacificação, as incursões dos índios se tornaram muito mais frequentes no trecho próximo ao Alalaú, onde ocorreram os dois últimos massacres.

TRABALHO AGRÍCOLA

A Funai está desenvolvendo atividades econômicas no Núcleo de Apoio. Atualmente, os Atroari/Waimiri estão iniciando plantações de outras culturas. O comércio ainda continua muito insipiente, feito através de trocas.

— As principais plantações estão nas regiões dos rios Alalaú e Abonari. O abacaxi tipo ananás está com quase dez mil pés plantados. Além disso, os Atroari/Waimiri cultivam o feijão, arroz, café. São cerca de 41 variedades entre frutas e legumes.

Além disso, estão criando galinhas (possuem 567 bicos), 18 porcos e sete carneiros. O antropólogo Giuseppe Gravelo concluiu dizendo: de inimigo número um do homem branco, o grupo Atroari/Waimiri, brevemente, contribuirá para encher a panela vazia da nossa civilização; pois o excedente dessa produção agrícola, pretendemos exportar para Manaus. O dinheiro que iremos arrecadar, devolveremos aos índios, em forma de saúde e outras benfeitorias que eles necessitam".

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: A Tribuna Class.: 212

Data: 15.04.81 Pg.: _____

**190 4 ÍNDIOS ATROARI- WAIMIRI
PESSEIAM PELA ZONA FRANCA**

Os índios Atroari/Waimiri, acusados pelo massacre às expedições do padre Galleri e dos sertanistas Gilberto Figueiredo, são hoje completamente integrados à civilização branca. De fortes guerreiros, a FUNAI considera os Atroari/Waimiri como os mais dóceis índios brasileiros, dedicando-se hoje à agricultura, e de vez em quando, apanhando caronas de camioneiros entre uma aldeia e outra, ou vindo em companhia do pessoal da FUNAI passear na Zona Franca de Manaus. (Página 5).



Os índios Atroari-Waimiri, até bem pouco conhecidos pela sua beliculosidade, no interior de uma loja de Manaus.